

Aprendendo o sujeito nulo na escola*

Telma Moreira Vianna Magalhães**

1 Introdução

Desde de 1981, quando Chomsky propôs um modelo de gramática baseado em Princípios e Parâmetros, os estudos de variação e mudança lingüísticas, no âmbito da Teoria Gerativa, tomaram novos rumos. As línguas naturais, então, passaram a ser analisadas em termos de Princípios Universais – responsáveis pelo que há de semelhante entre as línguas – e parâmetros – responsáveis pela variação, isto é, pelo que as diferencia.

Com relação ao Português do Brasil (doravante PB), o que as pesquisas têm mostrado é que o PB está deixando de licenciar o sujeito nulo referencial (Duarte, 1993, 1995). Isso tem sido relacionado à redução na riqueza flexional sofrida por essa língua. No entanto, tem-se verificado na escrita um uso ainda significativo de sujeitos pronominais nulos (Duarte, 1993, Paredes da Silva, 1988, Magalhães, 1999).

Neste trabalho, usando a metodologia da sociolingüística quantitativa e os pressupostos teóricos da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), observo o uso dos sujeitos pronominais nulos vs plenos na escrita de escolares de 3ª, 4ª, 7ª e 8ª séries, e nos dados de uma criança na fase de aquisição (1;11 a 3;4 meses), comparando-os quantitativamente aos dados de Duarte (1995). O objetivo é verificar se as restrições encontradas na língua oral são ainda verificadas durante a escolarização e, caso isso não se verifique, buscar os fatores que determinam a ocorrência do sujeito pro-

* Este texto é parte da minha Dissertação de Mestrado desenvolvida no Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP, sob a orientação da Profa. Dra. Mary Aizawa Kato.

** UNICAMP.

nominal nulo vs pleno na escrita. Os grupos de fatores considerados foram: número/pessoa do sujeito, forma verbal, tipos de oração e escolaridade.

O artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 2 apresento os pressupostos teóricos que embasam o trabalho; na seção 3, os resultados obtidos com o levantamento dos dados e na seção 4, as conclusões a que levaram os resultados.

2 Aquisição e Aprendizagem

Um estudo cujo objetivo é verificar como um mesmo fenômeno se comporta na aquisição da linguagem oral e na aprendizagem da linguagem escrita precisa ter bem clara a diferença que envolve essas duas modalidades. Por essa razão, procurarei mostrar nesta seção como estou entendendo aquisição e aprendizagem.

Aquisição é o processo pelo qual o falante entra em contato com a língua por meio do "input" natural externo, e aprendizagem é aquele processo em que há algum tipo intervenção ou estímulo externo (Kato, 1999b: 1).

Na aquisição da linguagem, o falante necessita somente estar inserido no ambiente lingüístico da língua que está adquirindo, e não ter ultrapassado o chamado "período crítico" (cf. Chomsky, 1986b), para ter as informações necessárias e suficientes para desenvolver o sistema lingüístico correspondente a essa língua. Ele não precisa que indiquem para ele que caminhos seguir nesse percurso. Estou, portanto, assumindo que adquirir a fala é um processo biológico inerente à espécie humana – um processo natural – no sentido de que ela se desenvolve sem a necessidade de correções ou instrução formal escolar¹. Já a aprendizagem da escrita é um processo cultural durante o qual o aprendiz, normalmente, necessita de ajuda para descobrir quais mecanismos de que ele pode dispor para usar a escrita de uma forma eficiente.²

A criança que já passou pelo processo de aquisição vem para a escola com um conhecimento gramatical de língua nativa (Língua-I, cf. Kato, 1999b) pronto e, muitas vezes, ao chegar à escola, é apresentada a formas que não correspondem àquelas que ela adquiriu. Mesmo diante de formas diferentes, a criança vai utilizar o conhecimento de que já dispõe. A escola, por sua vez, vai tentar reprimir esse uso através da instrução formal e das correções, pois ele não condiz com o exigido pela gramática normativa para a es-

¹ Estou adotando "aquisição" numa concepção chomskiana.

² Salvo os casos de crianças que são autodidatas.

crita. Como consequência, teremos produções escritas recheadas por uma mistura de formas, o que reflete a confusão entre o conhecimento da gramática que o aluno traz para a escola (sua gramática internalizada) e as regras que lhe são ensinadas no processo de ensino-aprendizagem. Neste trabalho, abordarei esse aspecto com relação ao uso dos sujeitos pronominais nulos vs plenos.

3 Aquisição e Mudança Lingüística

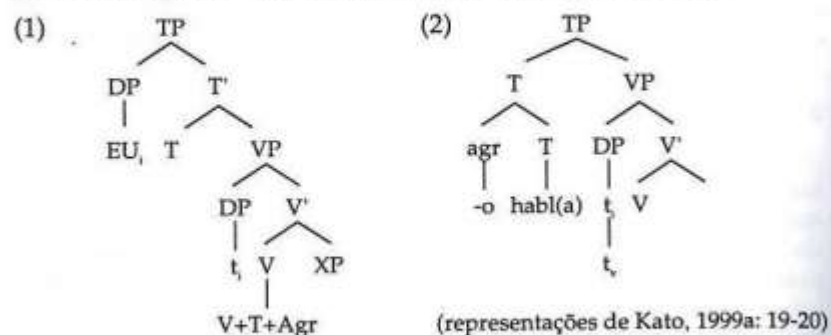
A gramática de uma língua particular, na concepção chomskiana, representa o conhecimento que os seus falantes nativos trazem sobre ela. Esse conhecimento está de algum modo representado no cérebro e tem seu desenvolvimento determinado pela GU e pela experiência lingüística dos indivíduos. Ou seja, o falante está equipado geneticamente para desenvolver uma língua, mas são os dados lingüísticos primários (DLPs) que vão determinar que tipo de gramática ele vai adquirir: se do PE, do PB, do inglês, etc. Portanto, experiências lingüísticas diferentes darão origem a diferentes gramáticas em diferentes indivíduos, resultando no que chamamos de variação lingüística: cada língua com suas particularidades.

Quando os DLPs a que o falante é exposto apresentam formas diferentes daquelas a que geração anterior a ele foi exposta, essas inovações podem ter reflexo para o seu desenvolvimento gramatical e dar início a implementação de uma "nova gramática" (cf. Lightfoot 1991, 1999). O falante, por causa da mudança gramatical, produz sentenças diferentes das que eram produzidas pela geração anterior. Essas novas expressões afetam o ambiente lingüístico, tornando esse falante um agente da mudança, já que sua produção fornecerá os DLPs para a geração seguinte. Está criada, então, uma reação em cadeia, que tem a criança como seu principal agente. A mudança acontece, então, porque a criança começa a avançar no uso de formas que diferem daquelas usadas pela geração anterior, mudando o input de modo crítico. Ou seja, o *trigger* vai mudando gradualmente por um bom período de tempo, mas a gramática só muda quando acontece uma mudança catastrófica.³

Assumindo a proposta de Lightfoot (1991, 1999) para mudança lingüística e considerando os resultados dos dados da criança que estou analisando, a minha hipótese é que o PB está perdendo a

³ "Catastrophes" are the bumpy discrepancies that we find from time to time between the input that a child is exposed and the output that the child's mature grammar generates" (Lightfoot, 1999:89).

sua propriedade de língua pro-drop porque as crianças que adquirem o PB atual começam a projetar a posição de sujeito como em (1) em vez de checar os traços gramaticais de concordância via morfologia verbal como em (2) (cf. Kato, 1999a); ou seja, as crianças estão implementando uma nova gramática para a língua:



4 A Pessoa Gramatical

Comecemos por observar os resultados apresentados pelos dados de aquisição e das séries iniciais e finais com relação ao uso de sujeito pronominal de 1ª pessoa, mostrados na Tabela 1:

Tabela 1.
Ocorrência sujeito pronominal pleno de 1ª pessoa

Pessoa	Dados de Aquisição				Dados de Escrita							
	Idade: 1;11 a 3;4 Meses				Séries Iniciais				Séries Finais			
	N / T	%	P.R. ⁴		N / T	%	P.R.		N / T	%	P.R.	
1ª sing.	469 / 623	75	.45	3ª -	90 / 124	73	.54	7ª -	42 / 122	34	.41	
				4ª -	146 / 204	72	.51	8ª -	19 / 42	45	.38	
1ª pl.	2 / 2	-	-	3ª -	16 / 66	24	.08	7ª -	4 / 15	27	.18	
				4ª -	36 / 72	50	.31	8ª -	0 / 3	0	-	
Total	471 / 626	75		288 / 466	62		65 / 182	35				

⁴ "P.R." significa "peso relativo" que, de acordo com o modelo matemático usado pela Teoria de Variação, mede as chances de uma variante ser realizada em dado contexto. Para maiores detalhes, ver Naro (1992).

A primeira pessoa do plural em toda amostra dos dados de aquisição só teve duas ocorrências que apareceram como pronome pleno (1a,b):

- (1) a. RA: Nunca **nós** vemos isso daqui. (2;6)
 b. RA: Nunca **nós** vamos daqui. (2;6)

Nos demais casos (15 ocorrências), RA usou a expressão **a gente**:

- (2) a. RA: Essa eu não sei onde **a gente** comprou. (3;0)
 b. RA: **A gente**, já conversou por que **a gente**, vai lá. (3;0)
 c. RA: e agora pra **gente** ir lá? (3;0)

O mesmo não se verifica nos dados da escrita, que apresentaram uma maior ocorrência de uso do pronome **nós**. Dos 156 casos ocorridos em toda a amostra, 64% tiveram o sujeito apagado (3a,b,c). Foram verificadas 21 ocorrências de uso da expressão **a gente**: 20 nas 3ª e 4ª séries, das quais duas ocorreram como nulos co-referenciais (3d); houve só uma ocorrência na 7ª série (3e) e nenhuma na 8ª:

- (3) a. "No final da tarde, **cv** resolvemos ir embora." (3ª série)
 b. "**cv**₁ assistimos um teatro e depois **cv**₁ dançamos." (4ª série)
 c. "Onde **cv** devemos nos encontrar?" (7ª série)
 d. "...se **a gente**₁ tiver micose. Porque se **cv**₁ tiver **cv**₁ não entra." (4ª série)
 e. "Sofrer é a pior coisa que **a gente** se encontra neste mundo de meu Deus." (7ª série)

Esses resultados já revelam um contraste entre a escrita e os dados de aquisição. Enquanto na aquisição é privilegiado o uso da forma **a gente**, a aprendizagem da escrita revela preferência pelo uso do pronome **nós**, especialmente como nulo. Isso fica mais evidente ao compararmos os resultados do uso do pronome **nós** nos dados de aquisição e nos dados da 8ª série: 100% de presença na aquisição (2 ocorrências em 2 casos possíveis) contra 100% de ausência para a 8ª série (0 ocorrências em 3 casos, cf. (4a,b,c)).

- (4) a. "Tempos atrás a discriminação era menor, **cv** podemos dizer que ela existe, mas não aos olhos da população." (8ª série)
 b. "Quando nos **cv** olhamos, gamei." (idem)
 c. "**cv** fomos a um show e não largou de mim." (idem)

Os resultados quantitativos apresentados pela primeira pessoa do singular permitem fazer previsões interessantes sobre o uso de pronomes nulos vs plenos na aprendizagem da escrita. Obser-

vando a Tabela 1, podemos verificar que os resultados de aquisição e das séries iniciais estão equilibrados. É a partir da 7ª série que ocorre uma queda no uso de sujeitos pronominais plenos. Isso permite afirmar que a produção lingüística das crianças nas séries iniciais ainda reflete a gramática adquirida durante o processo de aquisição, isto é, elas não foram afetadas de maneira significativa pela escola. São as séries finais que começam a apresentar as modificações implantadas pela escolarização.

Na segunda pessoa, as diferenças entre a fala e a escrita no total geral foram também verificadas nas séries finais, com uma queda de 15% de uso de sujeitos plenos:

Tabela 2.
Ocorrência de sujeito pronominal pleno de 2ª pessoa

Pessoa	Dados de Aquisição				Dados de Escrita												
	Idade: 1;11 a 3;4 Meses				Séries Iniciais				Séries Finais								
	N / T	%	P.R.		N / T	%	P.R.		N / T	%	P.R.						
2ª sing.	116 / 136	85	.58		3ª - 17 / 23	74	.45	7ª - 12 / 22	55	.70		4ª - 10 / 10	100	-	8ª - 10 / 10	100	-
2ª pl.	1 / 1	-	-		3ª - 4 / 5	80	.52	7ª - 0 / 0	-	-		4ª - 4 / 5	80	.47	8ª - 0 / 0	-	-
Total	117 / 137	85			35	43	80		22	32	70						

Uma diferença significativa dos dados de aquisição para a escrita ficou por conta da presença de pronomes fracos (16%) na aquisição, cf. (5), contra a total ausência desse tipo de dado na escrita:

- (5) a. RA: Cê vai naná. (2;0)
b. RA: Cê abriu a janela, cê não tinha corage e daí cê abriu e cê viu ela, né? (3;2)

Ressalte-se que a ocorrência de pronomes fracos de segunda pessoa indireta foi a maior de toda a amostra. Isso parece reforçar a hipótese de que a mudança no sistema pronominal do PB começa pela segunda pessoa, fato que já tinha sido observado por Duarte (1993). Mas essa evolução no uso de pronomes fracos na fala não conseguiu ainda atingir a modalidade escrita.

Com relação à terceira pessoa, só houve redução no uso de pronomes plenos na terceira pessoa do plural (cf. Tabela 3) e mais uma vez nas séries finais. Entretanto, vale ressaltar que nos dados de aquisição foi observado um aumento de 5% no preenchimento do sujeito em relação ao grupo 3 de Duarte (1995) tanto para terceira pessoa do singular como do plural:

Tabela 3.
Ocorrência sujeito pronominal pleno de 3ª pessoa

Pessoa	Dados de Aquisição				Dados de Escrita												
	Idade: 1;11 a 3;4 Meses				Séries Iniciais				Séries Finais								
	N / T	%	P.R.		N / T	%	P.R.		N / T	%	P.R.						
3ª sing.	174 / 242	72	.59		3ª - 204 / 245	83	.65	7ª - 28 / 39	72	.82		4ª - 104 / 145	72	.53	8ª - 84 / 128	66	.59
3ª pl.	11 / 13	85	.59		3ª - 23 / 32	72	.48	7ª - 1 / 4	25	.06		4ª - 42 / 53	79	.64	8ª - 21 / 50	42	.36
Total	185 / 255	73			373	475	78		134	221	60						

Comparando os resultados da terceira pessoa com os encontrados para as outras pessoas com relação ao uso de sujeitos pronominais nulos vs plenos, não foi verificada uma diferença significativa que possa colocar a terceira pessoa em destaque na produção de nulos, como constatado por Duarte (1995), mesmo na escrita. Ao que tudo indica, a terceira pessoa está começando a se comportar exatamente como as outras pessoas. Ou seja, contar com um referente externo para reforçar os traços enfraquecidos de AGR parece não ser mais suficiente para licenciar o sujeito nulo de terceira pessoa (6):

- (6) a. RA: O passarinho, subiu na bola e ele₁ vai cair daí. (2;3)
b. RA: Ele₁ vai alova, ele₁ vai fazer xixi, ele₁ tem pipi. (2;0)
c. "Então cv façam como essas crianças, que conseguiram o que elas₁ quiseram."
(4ª série)
d. "Em um certo dia, cv, marquei um encontro com um garoto₁ que eu₂ amo muito e acho que ele₁ também me ama." (8ª série)

Podemos, então, adotar com Galves (1987, 1988) e Kato (1999a) a hipótese de que é o próprio pronome que passa a desempenhar a função de concordância, tendendo sempre a aparecer mesmo quando um SN lexical antecedente está presente.

Comparando o resultado total encontrado de pronomes plenos nos dados de escrita e de aquisição com os resultados encontrados por Duarte (1995), descobri que os resultados dos dados de escrita se aproximam aos percentuais do grupo 1 de Duarte (1995)⁵. Já os resultados encontrados para a aquisição se agrupam com aqueles encontrados para o grupo 3. Ou seja, os resultados de escrita se assemelham ao do grupo em que o paradigma flexional era suficientemente rico para permitir o apagamento do sujeito. Já o dados de aquisição se assemelham justamente àquele grupo em que a mudança já tinha ocorrido e que já não fazia mais a identificação do sujeito via morfologia verbal.

5 A Forma Verbal e os Tipos de Orações

O tempo que mais resiste ao uso de pronome pleno tanto nos dados de escrita quanto nos dados de fala é o pretérito perfeito, apresentando um total de nulos de 37% na escrita e de 28% na fala. Mesmo assim, quando se comparam os dados de aquisição aos de Duarte (1995), a criança já mostra um avanço no uso de plenos, com um percentual de 11% a mais para o pretérito perfeito (com 72% de preenchimento), 22% a mais para o presente (76%) e 32% a mais para o pretérito imperfeito (95%)⁶.

Além disso, o infinitivo pessoal também apresenta ainda um alto índice de pronomes nulos: (53%) para a aquisição e (63%) para a escrita.

Verifiquemos agora a ocorrência de pronomes plenos vs nulos quanto ao tipo de oração, que parece revelar algumas novidades para o PB:

Tabela 4.
Ocorrência de sujeito pronominal pleno segundo o tipo de oração

Orações não-encaixadas	Dados de Aquisição				Dados de Escrita			
	Idade: 1;11 a 3;4 meses				Séries Iniciais		Séries Finais	
	N / T	%	P.R.	N / T	% P.R.	N / T	% P.R.	
1ª coordenadas	34 / 36	94	.81	3ª - 56 / 68	82 .65	7ª - 18 / 25	72 .79	
				4ª - 67 / 85	79 .59	8ª - 18 / 30	60 .50	
2ª coordenadas	41 / 42	98	.90	3ª - 35 / 59	59 .31	7ª - 3 / 24	13 .11	
				4ª - 34 / 58	59 .35	8ª - 10 / 31	32 .26	
3ª coordenadas ⁷	- / -	-	-	3ª - 66 / 78	85 .64	7ª - 6 / 10	60 .71	
				4ª - 30 / 43	70 .47	8ª - 9 / 15	60 .42	
Independentes	582 / 791	74	.44	3ª - 80 / 98	82 .59	7ª - 16 / 22	73 .77	
				4ª - 57 / 64	89 .73	8ª - 28 / 31	90 .87	
núcleos	66 / 90	73	.32	3ª - 55 / 89	62 .22	7ª - 17 / 54	31 .35	
				4ª - 79 / 107	74 .53	8ª - 32 / 52	62 .51	
Total	723 / 959	75		559 / 749	75	157 / 294	54	

Os resultados mostrados na Tabela 4 revelam que há uma redução considerável no uso de sujeitos pronominais plenos na escrita.

É importante ressaltar que o uso de sujeitos pronominais plenos verificados nas segundas coordenadas, mesmo na escrita, onde se observa uma redução, é surpreendente porque mesmo em línguas não-pro-drop o apagamento do sujeito é permitido nessas estruturas quando os sujeitos são co-referentes (como no caso do francês, segundo Galves, em comunicação pessoal). Isso demonstra, como já afirmara Duarte (1995) ao encontrar 68% de pronomes plenos nesses contextos, que o PB está perdendo ou já perdeu a permeabilidade à anaforicidade, tornando opcional um procedimento obrigatório em línguas de sujeito nulo.

Vejam alguns exemplos de ocorrência de sujeitos pronominais plenos e nulos nos dados de aquisição e nos dados de escrita:

⁵ O grupo 1 de Duarte (1995) é o grupo mais velho, em que são encontrados os maiores índices de sujeitos nulos da amostra. Por exemplo, a 3ª pessoa do singular apresenta 50% de sujeitos nulos. O grupo 3 é o mais jovem, em que, segundo Duarte, a mudança já está se implementando. Nesse grupo, o uso de nulos de 3ª pessoa do singular cai para 33%.

⁶ Os resultados de plenos nos dados de Duarte (1995) são 61% para o pretérito perfeito, 54% para o presente e 63% para o pretérito imperfeito.

⁷ Nos dados de aquisição, o resultado das segundas e terceiras coordenadas são apresentados juntos na tabela, devido à pouca ocorrência de terceiras coordenadas (9 para toda a amostra).

- (7) a. RA: Ele₁ vai alova, ele₁ vai fazer xixi, ele₁ tem pipi. (2;0)
 b. RA: A gente₁ já conversou porque a gente₁ vai lá. (3;0)
 c. RA: ... porque eu₁ vou po metinha nele e cv₁ viazei muito. (3;0)
 d. RA: Cê₁ abriu a janela, cê₁ não tinha corage. (3;3)
 e. RA: Eu₁ também vou pintar porque eu₁ sou tua amiguinha, né? (3;4)
 f. "O meu animal de estimação, é um cachorrinho ele₁, tem 4 anos de idade ele₁, é raça fila misturada com capa preta ele₁, é bonito." (3ª série)
 g. "...o mar morto fica em Israel, nós₁, compramos algumas peças da antiga cidade. nós₁, demos um pacheio por Israel depois que nós₁, fomos a Israel nós₁, ficamos muito chocados..." (4ª série)

A única ocorrência de sujeito pronominal nulo em coordenadas não-iniciais com sujeito co-referente encontrada nos dados de aquisição é a que está em (7c); todas as outras tiveram seus sujeitos preenchidos, como em (7a,b,d,e). Nos dados de escrita também foram encontrados casos de preenchimento de sujeito em coordenadas não-iniciais (7f,g), principalmente nas séries iniciais. É na 7ª e 8ª séries que o uso de sujeito pronominal nulo passa a ser a opção "escolhida" (8a,b,c):

- (8) a. "Eu₁ estou de castigo, porque cv₁ briguei com minha irmã e cv₁ não vou poder jogar futebol hoje." (7ª série)
 b. "... Mais a parte mais gostosa dessa história é a parte em que eu₁ deito na minha cama, cv₁ pego o meu ursinho e cv₁ durmo." (8ª série)
 c. "Ele₁ ficou muito chateado e cv₁ pediu um último beijo." (8ª série)

Os resultados das segundas coordenadas na 8ª série, quando comparados aos dados de aquisição, revelam uma redução de 66% no uso de plenos para os dados da escrita. A redução também pode ser observada com relação aos dados das séries iniciais e das séries finais (cf. Tabela 4).

Observando os resultados apresentados pelas orações independentes, vemos que mesmo na escrita o uso de pronome pleno é a opção preferida. Isso mostra que o avanço em relação ao uso de sujeitos pronominais plenos nesses contextos é tão grande que mesmo a norma escrita, com o peso da imposição escolar, não consegue barrá-lo. Os poucos casos de pronomes nulos encontrados na aquisição se encontram em contextos como em (9):

- (9) a. RA: cv soltou? (1;11)
 b. RA: cv caiu. (1;11)

Esses contextos incluem os nulos de referência exofórica.⁸ Vale ressaltar que na grande maioria das ocorrências o tempo do verbo é o pretérito perfeito.⁹

Passemos agora aos resultados apresentados pelas orações encaixadas e hipotáticas.¹⁰

Nos dados de aquisição, dos 43 casos de orações encaixadas com sujeitos pronominais plenos, 15 são de orações relativas e 28 de completivas:

Tabela 5.
Ocorrência de sujeito pronominal pleno em encaixadas e hipotáticas

Tipos de orações	Dados de Aquisição				Dados de Escrita															
	Idade: 1;11 a 3;4 meses				Séries Iniciais				Séries Finais											
	N	T	%	P.R.	N	T	%	P.R.	N	T	%	P.R.								
relativas	15	15	100		3ª - 5	7	71	.62	7ª - 6	9	67	76	4ª - 11	13	85	.61	8ª - 7	10	70	60
completivas	28	29	97	.89	3ª - 28	30	93	.88	7ª - 9	18	50	38	4ª - 27	44	61	.33	8ª - 20	31	65	55
hipotáticas antepostas	4	5	80	.79	3ª - 19	32	59	.33	7ª - 8	23	35	.55	4ª - 25	37	68	.46	8ª - 6	12	50	.39
hipotáticas pospostas	18	26	69	.69	3ª - 10	29	34	.14	7ª - 5	16	31	.47	4ª - 22	47	89	.73	8ª - 4	19	21	.16
Total	66	76	86		147 / 239 62				65 / 138 48											

⁸ Segundo Simões (1999) esse uso é o resultado do discurso chamado de "discurso do aqui/ agora."

⁹ Segundo Kato (1995), essas ocorrências podem ser explicadas se considerarmos que o nóculo tempo da criança, no início da aquisição, conta apenas com o Tempo do Ato de Fala (Speech Act Time, ST); não há ainda o tempo de evento, e o tempo de referência coincide sempre com o ST, que preenche o Spec de TP. O núcleo aspectual da criança é licenciado por um T "default" (presente ou passado) que concorda com um Spec preenchido pelo ST. Como essa fase se caracteriza por ser preponderantemente não-finita, o passado ocorre na forma de terceira pessoa não-marcada.

¹⁰ As orações hipotáticas são aquelas chamadas tradicionalmente de subordinadas adverbiais.

Houve só uma ocorrência de sujeito pronominal nulo nos dados de aquisição em encaixadas e se deu numa completiva (10a):

(10) RA: cv_1 faz de conta que cv_1 morreu. (3;2)

A alta produção de sujeitos nulos nas hipotáticas pospostas pode ser explicada pelo uso do infinitivo pessoal nessas estruturas, uma vez que essa forma verbal parece resistir ao preenchimento do sujeito (cf. Duarte, 1995):

(11) a. RA: Eu₁ vou pegar a Suzi para cv_1 pentear o cabelo dela. (2;0)

b. RA: Eu₁ vou sentar aqui para cv_1 descansar. (2;2)

Comparando os resultados de aquisição com os da escrita, podemos perceber que a escrita apresenta um índice bem menor de sujeitos preenchidos em todos os tipos de orações.

Outro resultado que chama a atenção é o alto índice de preenchimento do sujeito nas orações relativas, pois isso revela que o preenchimento está deixando de ser uma estratégia para escapar de ilhas, fato que já tinha sido observado por Figueiredo Silva (1996) e mais recentemente por Modesto (2000):¹¹

(12) a. RA: Eu₁ quero por este naquele negocinho que eu fui brincar. (2;6)

b. RA: Eu₁ não sei onde que eu₁ vi. (2;5)

c. "Quase cv_1 fiquei louca de tantas palavras que eu₁ não sabia." (4ª série)

d. "Essa menina₁ não era feliz porque ela₁ era rica e todas meninas que ela₁ fazia amizade eram pobres." (4ª série)

De acordo com Duarte (1995), o sujeito pleno deve ter começado sua batalha contra o sujeito nulo justamente nas estruturas em que há elemento em Spec de CP, como no caso das relativas, visto que é neste contexto onde a mudança se encontra mais avançada. Duarte acrescenta ainda que a rejeição ao sujeito nulo nesses contextos é confirmada quando encontramos estruturas onde o sujeito é nulo na matriz e pleno na encaixada, como em (12c).

Em relação aos dados dos falantes de Duarte, os dados de RA só apresentam uma diferença significativa nas orações completivas, com 23% a mais de preenchimento do sujeito.

¹¹ Cf. também Ferreira (2000).

6 Considerações Finais

Os resultados apresentados pelos dados da aquisição e da escrita com relação ao uso do sujeito pronominal nulo vs pleno revelam que há uma participação decisiva da escola no uso que se faz do sujeito nulo na escrita.

Os dados de aquisição revelam ainda que a mudança no sistema pronominal parece ter começado realmente pela segunda pessoa, como afirmara Duarte (1995), pois foi justamente esta que apresentou o maior índice de pronomes fracos da amostra.

Com relação à terceira pessoa, o que os resultados parecem mostrar é que ela está indo pelo mesmo caminho das outras pessoas com relação ao preenchimento do sujeito.

Comparando os resultados de aquisição e de escrita com os de Duarte (1995), foi possível perceber que os resultados apresentados pelos dados de aquisição se aproximam daqueles apresentados pelo grupo mais jovem de Duarte, enquanto os resultados da escrita se aproximam daqueles do grupo mais velho. Ou seja, os resultados de aquisição revelam as características de um sistema não-pro-drop e a escrita de um sistema ainda pro-drop.

Com base nos resultados obtidos, é possível dizer que a criança entra na escola com um sistema não-pro-drop, continua por um bom período de tempo utilizando este sistema na escrita e, aos poucos, vai adequando tal sistema às normas prescritas pela língua escrita. O esforço do ensino em reprimir as inovações apresentadas pela fala só começa a obter resultado lá pelo final do primeiro grau.

Referências

- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding: the Pisa Lectures*. Dordrecht: Foris.
- . (1986b) *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*. Nova York, Praeger
- DUARTE, M. L. (1993) Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: a Trajetória do Sujeito no Português do Brasil. Em I. Roberts & M. A. Kato, orgs., *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica (Homenagem a Fernando Tarallo)*, 107-128. Campinas: Editora da UNICAMP.
- . (1995) *A Perda do Princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas.
- FERREIRA, M. B. (2000) *Argumentos Nulos em Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas.

- FIGUEIREDO E SILVA, M. C. (1996) *A Posição Sujeito no Português Brasileiro: Frases Finitas e Infinitas*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- GALVES, C. (1987) A Sintaxe do Português Brasileiro. *Ensaio de Linguística* 13, 31-50.
- . (1988) Algumas diferenças entre Português de Portugal e Português do Brasil e a Teoria de Regência e Vinculação. *Actas do Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*. Lisboa: ICALP.
- KATO, M. A. (1995) Raízes Não-Finitas na Criança e a Construção do Sujeito. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 29, 119-136.
- . (1999a) Strong and Weak Pronominal in the Null Subject Parameter. *Probus* 11, 1-37.
- . (1999b) Aquisição e Aprendizagem da Língua Materna: de um Saber Inconsciente para um Saber Metalingüístico. Em J. Moraes et al., orgs., *Investigações à Linguagem: Ensaio em Homenagem a Leonor Scliar-Cabral*, 201-225. Florianópolis: Editora Mulher.
- LIGHTFOOT, D. (1991) *How to Set Parameters: Arguments from Language Change*. Cambridge, EUA: MIT Press.
- . (1999) *The Development of Language: Acquisition, Change, and Evolution*. Oxford: Blackwell.
- MAGALHÃES, T. M. V. (1999) Do Pronome Pleno ao Pronome Nulo. Ms., UNICAMP, Campinas.
- MODESTO, M. (2000). Null Subjects without 'Rich' Agreement. Em M. Kato e E. Negrão (orgs.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt Vervuert, am Main.
- NARO, Anthony J. (1992) Modelos Quantitativos e Tratamento Estatístico. Em M. C. Mollica (org.) *Introdução a Sociolinguística Variacionista*. Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ.
- PAREDES SILVA, V. L. (1988) *Cartas Cariocas: a Variação do Sujeito na Escrita Informal*. Tese de Doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro.
- SIMÕES, L. (1999) Sujeito Nulo na Aquisição do Português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 36, 105-130.